

ONDE ESTÃO OS NEO-LIBERAIS?

por Mário Soares

1. Onde estão os neo-liberais, que ninguém os ouve? Há meses reclamavam, sem cessar, "menos Estado", mais privatizações. Nada de constrangimentos, de regras éticas, nem de serviços públicos. O importante era "reduzir os impostos", "deixar o mercado funcionar", quanto menos intervenções públicas, melhor. A "auto-regulação do mercado", dirigida pela "mão invisível", era bastante, o ideal. Privatizar os serviços de saúde (uma invenção socialista), a segurança social, as águas, os cemitérios, os correios, os transportes; pôr gestores privados a gerir os parques nacionais, privatizar as pousadas, recorrer a "seguranças privados", mesmo em estado de guerra, como no Iraque; privatizar, privatizar...

Os políticos - e a política - que não alinhassem passaram a ser uma praga, uma arqueologia, vinda de outros tempos, o bom mesmo eram os negócios, quanto mais melhor, a especulação - os políticos nos negócios e os negócios na política - os paraísos fiscais, ganhar dinheiro, a qualquer custo o dinheiro como o supremo valor das sociedades ditas livres e o mercado, "teologizado", como o Deus ex-máquina do progresso. As regras para o funcionamento do mercado eram velharias obsoletas. A própria "democracia dita liberal" escorregou, a pouco e pouco, para a plutocracia. E a pobreza? Os pobres? Os operários, os camponeses, os empregados, as próprias antigamente chamadas classes médias? Deixados entregues à sua sorte, sujeitos à regra da selecção natural, a chamada lei da selva, em que os mais fortes (os ricos) devoram naturalmente os mais fracos (os pobres)... Quanto muito, as almas sensíveis, que não compreendiam o "espírito do tempo", tinham a Caridade, um recurso que não prejudicava o sistema e fazia bem às almas...

Assim o capitalismo americano, na sua fase financeira-especulativa, guiado pela ideologia neo-liberal, fortalecida com o colapso do comunismo, influenciou fortemente the way of life americana, a ponto de conduzir a América do Norte às portas do descalabro financeiro e da recessão económica (Bush dixit). Tendo, ao mesmo tempo, efeitos muito negativos na Europa, inclusivamente na Esquerda, chamada "terceira via" de Blair e dos seus adeptos... E começa a contaminar todo o Mundo.

Os maiores bancos e seguradoras - coisa nunca vista, desde 1929 - entraram em falência técnica, devido, em parte, à avidez dos sub-prime, e voltou-se contra os gestores milionários, ameaçando engolir no descalabro as economias dos que neles confiaram.

Resultado: o recurso ao Estado (que heresia para os para os neo-liberais!), como no caso das catástrofes naturais, como o Katrina, por exemplo. Quem paga? O Estado, quando os privados fogem e assobiam para o lado... Assim surgiu o plano Paulson, feito e refeito, sob a égide de Bush - que aceitou tudo - para salvar o sistema. Mas será que o plano, mobilizando setecentos biliões de dólares, vai resolver alguma coisa? Ou tenta apenas salvar o sistema, nesta situação única de aperto?

Ora o que está podre, a agonizar é justamente o capitalismo, na sua fase financeira e especulativa. É isso que se impõe mudar, regularizando a globalização, acabando com os paraísos fiscais, fonte das maiores especulações, introduzindo regras éticas estritas, preocupações sociais e ambientais e, como disse o "extremista" Sarkozy, no seu discurso de Toulon, "metendo na cadeia os grandes responsáveis das falências fraudulentas".

Haverá coragem para o fazer e modificar profundamente o sistema? Eis o que não está ainda nada claro, quer na América, quer na Europa. A Irlanda foi a primeira a nacionalizar os bancos, seguida pela França, Holanda e pela Alemanha. Mas não será, por enquanto, apenas, uma medida de emergência, para salvar os prevaricadores, contrabalançando isso com fundos destinados a valer aos compradores de casas que nisso empenharam todas as suas poupanças e estão agora em risco de as perder?

Veremos, nas próximas semanas, como as crises irão evoluir. Entretanto, a campanha eleitoral para as presidenciais continua, com uma margem, que parece acentuar-se, em favor de Obama. O debate entre os candidatos a Vice-Presidente denunciou as fragilidades de Sarah Palin - embora saísse melhor do que se previa - mas, incontestavelmente, Joe Biden venceu, aparecendo muito contido, com um modelo de experiência e de tacto diplomático...

2. E a Europa? Vai francamente mal, resvalando, a pouco e pouco, para uma recessão, que já está a atingir a França, a Irlanda, a Holanda, talvez a Espanha e outros países membros. Sarkozy, presidente em exercício, com a falta de senso que o caracteriza e a atracção pelo show off, convocou para Paris uma Cimeira a Quatro. Os quatro maiores países da União. Nem sequer pensou que essa insólita conferência dos 4 Grandes, poderia ser vista como uma ressurreição da ideia de um "directório europeu", um espectro que preocupa todos os outros vinte e três Estados membros. A ideia era inventar um plano Paulson europeu. Foi, obviamente rejeitada. Cada um por si, foi o que lhe responderam os seus três interlocutores, embora por razões diferentes.

Agora Sarkozy quer reunir o G8 não se sabe bem para quê. Com a América e a Rússia, pois claro. Sarkozy ainda não percebeu, como presidente em exercício da União, que os problemas europeus devem ser resolvidos consultando, em primeiro lugar, os europeus. E não houve ninguém que lho dissesse em voz alta... Assim vamos caminhando para o desastre. Sem rumo certo.

3. Eduardo Lourenço. Tive muita pena de não ter podido assistir, como tanto desejaria, ao colóquio internacional que a Fundação Gulbenkian resolveu promover - em parceria com o Centro Nacional de Cultura - para homenagear esse extraordinário ensaísta e pensador, que é Eduardo Lourenço. Conheço-o há longos anos, desde a nossa comum juventude, e sempre tive por ele grande estima e admiração. Desde a sua Heterodoxia I, uma lufada de ar fresco, quando éramos quase todos tão ortodoxos...

Acompanhei-o pela vida fora e li quase todos os seus livros, com extrema atenção e muito agrado. Um dos últimos, por exemplo, "As saias de Elvira", que me deu uma visão original de Eça, o meu romancista preferido.

Os livros de Eduardo Lourenço são extremamente importantes, na cultura portuguesa hodierna, tanto no plano da crítica literária, como da reflexão filosófica ou sobre o nosso passado histórico, bem como as suas apreciações críticas sobre a actualidade portuguesa e europeia. Aprende-se sempre com a leitura dos seus livros. É um homem de imensa cultura filosófica, histórica e literária e na linha de António Sérgio e Silva Lima, seu professor, dos maiores ensaístas portugueses de sempre.

Por isso, embora ausente, junto-me aos seus admiradores e aplaudo-o de pé, na hora desta tão merecida homenagem, caríssimo Eduardo Lourenço. Bem-haja por tudo o que nos tem dado, como se diz na sua terra...

Lisboa, 7 de Outubro de 2008